

# UMA INFÂNCIA MOVIDA POR FORÇAS NÔMADES

## A CHILDHOOD DRIVEN BY NOMADIC FORCES



**Adriana Oliveira Pretto<sup>1</sup>**

**Angélica Vier Munhoz<sup>2</sup>**

**Cristiano Bedin da Costa<sup>3</sup>**

Vol. 13 Número 25 Jul./Dez. 2017

*Ahead of Print*

**RESUMO:** Fluxos infantis em cena durante um recreio infantil. Um cenário carregado de fragmentos nômades que possibilitam movimentar forças, novas paisagens. Trata-se do recorte de uma pesquisa cartográfica orientada pelas pistas que surgiram ao longo do processo de investigação e aproximações de autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault e alguns de seus comentadores, cujo objetivo se constituiu em refletir sobre a infância e seus movimentos nômades num espaço-tempo do recreio infantil. Tal experimentação, que integrou a dissertação do Mestrado em Ensino, realizada no Centro Universitário, como bolsista Prosup/Capes, no período de 2015 a 2017, partiu das seguintes questões de pesquisa: como pensar outras infâncias perpassadas por forças nômades? O que as crianças dizem em seus movimentos nômades? Como produzem fluxos em meio a devires-infantis? Nessa medida, tomou-se o nomadismo como um conceito potente para pensar a infância. Com o propósito de acompanhar algumas dessas pistas, buscou-se a aproximação com um grupo de crianças de quatro meses a cinco anos de uma escola de Educação Infantil do município de Cruzeiro do Sul (RS), durante o cotidiano do recreio infantil. Nos encontros, foram registrados em diários de bordo e por meio de gravações de áudio, expressões de pensamento das crianças, seus sons, polifonias e fluxos infantis. Como resultados, evidenciou-se uma trama de tensionamentos que afirmam a necessidade de romper com modos de pensar que naturalizam o que é historicamente demarcado, verdades que seguem as linhas dominantes de uma infância separada da vida como potência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Devir infantil. Nomadismo. Recreio

**ABSTRACT:** Child flows under focus during the school break. A scenario laden with nomadic fragments triggering the movement of forces and new landscapes. This is part of a cartographic research guided by clues that emerged along the process of investigation and approximations to authors such as Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault and some of their

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pela UNIVATES

<sup>2</sup>Docente do Centro de Ciências Humanas e Sociais e do Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Ensino - Universidade do Vale do Taquari - Univates

<sup>3</sup>Doutor em Educação pela UFRGS e docente na UNIVATES

commentators. The aim was to reflect on childhood and its nomadic movements in the time-space of the school break. Such experiment, which was part of a Master's dissertation in Teaching that I carried out at the University Center as a Prosup/Capes scholarship holder from 2015 to 2017, had the following questions as its starting point: How can we think of other childhoods flooded with nomadic forces? What do children say about their nomadic movements? How do they produce flows amidst child becomings? Nomadism was regarded as a powerful concept to think about childhood. With the purpose of following some of those clues, we attempted to become closer to a group of 4-month to 5-year-old children during the school break at a Child Education school in Cruzeiro do Sul (RS). Children's thoughts, their sounds, polyphonies and flows were recorded in field journals and audio recordings. The results evidenced an intertwining of tensions confirming the need of disrupting ways of thinking that have naturalized what has been historically delimited, truths that follow the prevailing lines of a childhood separated from life as power.

**KEYWORDS:** Child becoming. Nomadism. School break.

*Como será que seria o mundo se não tivesse pensamento? Eu devolvi a pergunta, e ele disse: Seria bem difícil, só ia dar para ficar sentado piscando. Ninguém ia caminhar. E eu perguntei: Como é o pensamento? Ele disse: O pensamento existe. Eu penso às vezes no meu maninho. Sem pensamento, seria muito ruim porque, se não tivesse pensamento, não ia dar para comprar comida, porque para comprar comida precisa pensar (menino de 6 anos).*

*Teu tempo, vó, é assim*

|||||

*O da mamãe é assim*

|||||

*O da mana*

|||||

*O meu é assim*

|||||

*AIPED!!!!!! (menino de 5 anos e 10 meses)*

Os “Pensatemos” acima, ideia extraída de Mia Couto (2005), sinalizam algumas breves conversas de crianças, numa atmosfera vivida e acompanhada durante momentos de docência na Educação Infantil. Tais conversações produzem movimentos que se alinham com as intenções desta pesquisa. Diálogos que cogitam outras possibilidades, que colocam em dúvida uma segurança que a permanência nos concede. Disparam a potência de um pensar imanente, de uma sensível escuta que provoca a possibilidade de uma experiência do dizer como potência do pensar, espécie de nomadismo do pensamento.

Experiências cotidianas da infância que inquietam, desafiam e provocam a pensá-la de outros modos. Por outra via, nos desassossega conviver com uma quantidade de crianças sendo diagnosticadas, talvez uma das formas mais duras de “encapsulamento”, cujo objetivo reside, muitas vezes, em acalmar ou controlar seus movimentos e pensamentos. A questão que nos parece interessante pensar é que uma sociedade desatenta, que vive sob o efeito de uma produção moderna, medica o que produz. Frente a bombardeios frenéticos de informações, excesso de estímulos eletrônicos, mentes ocupadas, produzimos sujeitos automatizados e pouco sensíveis a experimentar os fluxos.

Assim, em meio a tais inquietações, propôs-se a questão inicial que delimitou o problema de pesquisa desta dissertação: como pensar outras infâncias perpassadas por forças nômades? Entre tantas linhas que foram traçadas, buscaram-se alguns

desdobramentos para tal problemática: o que dizem as crianças em seus movimentos nômades? Como produzem fluxos em meio a devires-infantis? Nosso desejo era compreender o quanto as crianças são capazes de escapar dos movimentos territorializados que as aprisionam em uma determinada forma infância. Tais questões movimentaram nosso pensamento e a escrita. Para acompanhar o percurso desta investigação, buscou-se cartografar o que as crianças dizem em um determinado espaço-tempo da escola – o recreio infantil.

Pretendeu-se compreender o quanto os movimentos que chamamos de “forças nômades” são capazes de produzir velocidades na infância, devires, aberturas de forças anônimas. Tais forças fugidias estão presentes e ausentes simultaneamente, ocupam um território e ao mesmo tempo deslocam, dançam, não querem ser separadas de seus instintos, não desejam ser etiquetadas. Desencadeiam outras possibilidades de estar no mundo, estão sob nossos olhos, resistem a territórios lineares; lançam uma nova maneira de habitar um novo lugar, rompem com o esperado, metamorfoseiam, desestabilizam o caminho da repetição do mesmo, dos padrões e clichês.

Diante de tais questões, tomam-se aproximações com autores da filosofia da diferença, como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault e seus comentadores, tentando tecer junto deles as composições desta pesquisa, que buscou encontrar algumas saídas, brechas, estando à espreita das crianças, extraíndo suas forças potentes, singulares e ínfimas; afinal, foi esse duplo encontro – das crianças e de tais pensadores – que estremeceu o território das certezas. Destaca-se ainda o quanto a aproximação com esses pensadores instiga-nos a pensar em nossas práticas, a escapar das algemas da educação enquanto construção moral e a pensar em novos encontros, novos movimentos, relações menos instituídas e mais apaixonadas.

### **Abandonar-se à própria infância**

Aprendi a andar: desde então corro. Aprendi a voar: desde então, não quero ser empurrado para sair do lugar. Agora sou leve, agora voo, agora me vejo abaixo de mim, agora dança um deus através de mim (NIETZSCHE, 2011, p. 41).

Por meio da afirmação de um devir infantil, é possível pensar uma infância de forma imanente, colada à vida, impulsionada por movimentos nômades, como fato da vida humana que designa um não-estabelecido, um não-vigente, o que já está tão notoriamente instituído. Agamben (2005, p. 48) questiona: “existe uma experiência muda, existe uma in-fância da experiência? E, se existe, qual é a sua linguagem”? Somente passando pela experiência de tal afecção é que podemos dizer, relatar e escrever. Deleuze e Parnet (1998) também apontam o surgimento de palavras novas ainda não escritas, palavras dentro de palavras, interrogações, uma luta contra uma linguagem que já está nela mesma, tomada de planos fixos, propondo-nos a inventar uma gagueira, para assim ouvir e executar outros tons, ecos, intensidades, intervalos.

Tornou-se necessário colocar-se em risco, distanciar-se de uma história de docência e entrar em um devir infância para estar aberta a novos movimentos, pois “o devir não é história; a história designa somente o conjunto das condições, por mais recentes que sejam, das quais se desviam a fim de 'devir', isto é, para criar algo novo” (DELEUZE, 1992, p. 211). É necessário esquecer, e esquecer, tal qual nos ajuda a pensar Nietzsche (2009, p. 43), é “uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, [...] uma forma de saúde forte”.

Esquecer, nessa medida, implicaria um estranhamento, uma potência no sentir, um procedimento de singularização que viesse desautomatizar o exercício de ver por fora, pegando emprestado da criança a capacidade que ela tem de surpreender-se ao ver algo pela primeira vez. Usufruir a vida numa intensa idade de ser criança ao lado das crianças. Uma

intensidade, intensa idade, ao modo como Deleuze e Guattari (2012a, p. 25) afirmam, “uma potência de esquecimento que faz com que nos sintamos inocentes diante das palavras de ordem que seguimos, e depois abandonamos, para acolher outras em seu lugar”.

Deixemos de subestimar o que as crianças dizem; elas, por vezes, denunciam, suspiram um alívio, expressam-se poeticamente, tal como foi dito por uma criança no momento de um intervalo da escola, no tempo de docência de um vir a ser. Estou “deslembrando”, disse a criança a uma colega, que começa a rir e imediatamente retorna: “esquecendo”? Nietzsche (2011, p. 34) afirma uma multiplicidade em um só sentido quando diz: “aos desprezadores do corpo desejo falar. Eles não devem aprender e ensinar diferentemente, mas apenas dizer adeus a seu próprio corpo – e assim, emudecer. *Corpo sou eu e alma* – assim fala a criança. E por que não se deveria falar como as crianças?”.

Tomando as expressões das crianças, talvez pudéssemos pensar pela via do “deslembrando”. Deslembrar para poder criar. Ao deslembrar o sujeito que sou, posso olhar as coisas de uma maneira singular, passando a “desolhar” a mesma coisa e assim conseguir ver outras. Primeiro, desconhecer as coisas do jeito que elas costumam ser, lançando-me ao balanço da vontade nietzschiana – “eu sou aquilo que sempre tem de superar a si mesmo” (NIETZSCHE, 2011, p. 110). Talvez só possamos pensar a partir desse esquecimento, esse exercício de abandonar, zerar, combate de superar a si mesmo e assim estranhar um novo pensamento.

### **Percorrendo e deslocando algumas linhas da infância**

Operar este trabalho de pesquisa a partir da infância implica pensar suas relações de tempo, suas práticas, seu surgimento e produção, seus deslocamentos que, à primeira vista, se dão de modo idealizado, linear e uniforme, com a ideia de um infantil romântico, incompleto, universal, de pouco valor e descontextualizado das questões culturais e da Contemporaneidade. Contudo, trata-se de pensar aqui o “infantil como paradoxo, acontecimento, devir nômade. Um pensamento que, por não mais pensar a diversidade como referida ao mesmo, substitui a unidade abstrata ‘criança’ pela multiplicidade concreta ‘infantil’” (CORAZZA, 2005, p. 45-46).

Ariès (2012) e Postman (1999) fornecem elementos para problematizar a infância contemporânea do modo como ela foi e vem sendo produzida. Se, por um lado, os discursos e práticas de uma infância moderna ainda estão presentes na atualidade, por outro, a infância de hoje parece contrastar com esse modelo envelhecido e repressivo da Modernidade.

Ariès (2012), por meio de seus estudos acerca da iconografia clássica, defende uma concepção de infância como construção social e histórica. A criança aparece na iconografia religiosa representando anjos e o menino Jesus, entre outros santos, e mais tarde surge em retratos reais, a criança viva, representando o interesse específico pela infância. Para o autor, foi a partir do século XVI que as crianças se tornaram “vistas”, apresentando-se em uma nova configuração, de modo que o universo infantil passou a ser tema de relevância social e política, fazendo parte da história ocidental. Segundo o autor, até o século XVI, as crianças eram tidas como adultos de tamanho menor, e era apenas isso que as diferenciava dos adultos, pois no mais compartilhavam seus trabalhos, saberes, brincadeiras. Vale lembrar que a socialização da criança e a transmissão de valores e conhecimentos não eram asseguradas no âmbito da família; o sentimento não era necessário nem à existência, nem ao equilíbrio da família.

Esses autores também mencionam o “desaparecimento da infância”, provocando-nos a pensar desde quando a infância começou a ser percebida e investigada, já que ela não existiu desde sempre. O que hoje entendemos por infância foi sendo fabricado ao longo da história, na Europa do século XVI, e sobreviveu ao tempo. A infância não desaparece, mas podem desaparecer as nossas construções que até então fizemos do universo infantil,

concepções lineares e cronológicas. A infância está viva e expressa-se de múltiplas formas, por outros sujeitos, em outros tempos. Os autores mencionados sugerem a possibilidade de pensar, juntamente com Foucault (2012), modos de resistência para nossas inquietações, provocando-nos a ir muito além do que fomos educados e treinados, repetindo padrões para moldarmo-nos ao sistema social preexistente.

Percorrendo a história moderna da infância, Corazza (2002, p. 198) salienta que, a partir da junção entre “identidade-dependente e necessidade de adultização, o infantil foi criado como uma identidade natimorta, isto é, como uma identidade que nasce morta, ou que, vindo à luz com sinais de vida, logo morreu”.

As noções de infância que ainda norteiam o pensamento atual parecem estar atravessadas por um viés histórico, construído a partir de uma visão cronológica moderna. Percorrendo as margens e minúcias da infância, percebem-se práticas para a produção de uma determinada forma de subjetivação, captura de infantis, processos de disciplinamento que tornam favoráveis as formas de organização do mundo social, político e econômico. Torna-se necessário, assim, compreender a partir de Foucault (2013) que o que sinaliza a sociedade moderna é o seu caráter disciplinar, que se constitui como uma maquinaria de esquadrinhamento e regulação do corpo.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe (FOUCAULT, 2013, p. 133).

A partir dessa citação foucaultiana, é possível perceber o quanto os corpos foram e são aprisionados e, no caso da infância, o quanto negamos – nela e, conseqüentemente, em nós – forças criadoras, forças que querem ser efetuadas. Deseja-se, portanto, “despertar desse sono antropológico – manhã da qual parece que ainda não nos desprendemos” (CORAZZA, 2000, p. 19) –, ou ainda, “estranhar o nosso discurso, problematizar uma infância entre tantas e conseguir olhá-la por novas perspectivas, de maneira que um infantil não sabe menos, sabe outra coisa” (COHN, 2005, p. 33). Inventar seus próprios modos de pensar, experimentar o mundo – a infância, dessa forma, diz respeito a estar ao lado: nem à frente, nem atrás.

Porém, para poder pensar outras formas de infância, torna-se necessário destacar, mesmo que brevemente, os modos pelos quais a infância foi sendo produzida ao longo do tempo. A ascensão do capitalismo, a industrialização, a escolarização em massa do século XIX, começam a modificar as formas de poder. No lugar de disciplinar corpos individualmente, é preciso agora criar formas de controle da população. Para Foucault (2008, p. 56), a população é um novo “sujeito político, como novo sujeito coletivo absolutamente alheio ao pensamento jurídico e político dos séculos precedentes”. É nessa medida que Foucault (2008) passa a focar as suas análises não mais nos mecanismos disciplinares do indivíduo, mas no conceito de biopolítica das populações, ou seja, no governo da vida.

Essas práticas remetem à ideia de uma política da vida, um cuidado sobre a vida que age sobre o corpo dos indivíduos. A partir da biopolítica, criamos uma tecnologia da infância. Essa tecnologia pode ser vista como um dispositivo ampliando o poder por dentro do corpo, regulando comportamentos da infância. O conceito de dispositivo é tomado por Foucault (1984) como práticas culturais que capturam, orientam, determinam, controlam a população. Foucault destaca que, por meio do “dispositivo”, se busca

[...] demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1984, p. 138).

Agamben (2009 p. 38) também busca elementos em Foucault para pensar o dispositivo e afirma que “o dispositivo nomeia aquilo em que e por meio do qual se realiza uma pura atividade de governo sem nenhum fundamento de ser. Por isso os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito”. Trata-se, pois, de uma disseminação de poderes em atuação, atrelada a uma série de campos de saberes que se sofisticam continuamente em uma vida longa.

Pensando-se a partir dessa noção de dispositivo, a infância passa a ser subjetivada, regulada, para entrar na hierarquia de uma nova ordem. Corazza (2000, p.26) afirma que “colocar a infância em discurso, incitar a produção de saberes sobre ela, regular as relações de poder e práticas institucionais em seu nome (...) tudo isso entra em colisão com a nova faceta do dispositivo de infantilidade”.

### **Olhar, sentir, ouvir, andar - estilos de vidência**

Pressentir algo, mas sem nomear. Sentir-se mal sem estar doente. Um enxergar além das evidências. Um mal-estar pode ser uma vidência de um estado de potência causado por inquietações. Segundo Deleuze (2013), podemos pensar que o irrelevante nos convida a um encontro subjetivo com o insuportável, uma perspicácia que vai forçando a contemplar a entrada de um terceiro olho, deteriorando o acabado, o jeito de sempre, extraindo dessa tal irrelevância o que não suportamos, o impensável, despertando e permitindo uma função de vidência, que se revela por outras vias, violentando o pensamento.

Embalados por tal violência no pensamento, buscamos distanciar-nos de clichês, de uma visão celestial, de imagens que encobrem a mesma coisa e que nos induzem a perceber apenas o que nos interessa perceber, de acordo com nosso restrito entendimento; por outro lado, há imagens que ultrapassam qualquer clichê, atravessam todos eles, daí a importância de tornar-se um vidente, encontrando nele o que não se vê, o que já foi absorvido dele, aquilo que não se encontra mais em questão, mas que se tornou envolvente aos nossos olhos. A partir de algumas fendas, algo se pode fazer e assim despovoar o que já vimos demais – “é preciso dividir ou esvaziar para encontrar o inteiro” (DELEUZE, 2013, p. 32). Voltamos aqui à expressão infantil “deslembrar” para invalidar o tanto que nos foi posto para crer que víamos tudo. Uma nova imagem, outras formas de pensar, um novo enfrentamento com o que é dado como clichê soma-se a algo novo; um olho vidente junta as forças que escorrem fugidias e que agora criam o espaço para uma presságica rivalização.

A partir do testemunho de habituais cotidianos vividos junto ao sensível olhar de crianças para o mundo, trazem-se a infância de volta e, de soslaio, a sua voz. Sonoridades entre muitas outras. Estar ali, sentir, ouvir, importar-se apenas. Destampar o ouvido e, de olhos fechados, interrogar nossa cegueira, olhar para o invisível, acionar nossos canais de sensibilidade. Segue-se em direção ao que ecoou.

Criança 1 – Aprendi outro jeito de contar minha idade: 0, 1, 2, ... (4 anos)

Criança 2 - Eu não consigo parar, porque está cheio de perguntas na minha cabeça. (6 anos)

Criança 3 – Quando durmo, deleto algumas coisas da minha mente. (6 anos)

Nessa perspectiva, a vidência configurou-se a partir de colisões, de formas de agir,

de conexões com o fora, uma minúscula faísca percebida de maneira primorosa que inaugura percursos que não são tão visíveis. Zourabichvili (2000), ao referir-se às dimensões da vidência, não prevê para si nenhum futuro, mas apreende o intragável de uma situação, atestando novas concepções com o corpo, com o tempo, novas relações. Um encontro com o provável pode captar lampejos, impressões informes-pensamento, um ato físico, como andar, correr e saltar, que pede para cumprir-se, atualizar-se. Corporal e instintivo. Sentir, ouvir, andar, estilos de vidência. Estar ao lado de uma criança, observar como franze a sobrancelha, sua inquietude, por que não consegue parar, como fala com o colega, como deleta algumas coisas de sua mente, estranhar o que gagueja uma língua.

Viver ao lado das crianças sem um território pode ser um contágio, uma experiência viva de pensamento. Desse encontro, surge a necessidade de operar com a ideia de um devir infantil na infância a partir de sua natureza nômade. Diante de tal perspectiva, buscou-se pensar a infância em meio aos seus nomadismos.

Mas como pensar esse devir-infantil de natureza nômade? Essa indagação não tem o intuito de capturar um conceito, mas, ao modo deleuzeano, desmanchá-lo, desarticulá-lo, possibilitar outras miragens. Busca-se o sentido etimológico do termo, sem afirmar algo que remeta a uma intenção, mas a alguns elementos, pistas para uma maior aproximação com o conceito nômade, que se origina do latim *NOMAS*, *NOMADIS*, grupo errante; do grego *NOMAS*, errante, vagabundo, sem destino (com a finalidade de alimentar rebanhos). Já nos dicionários encontramos diferentes significados: 1) diz-se de ou aquele que não tem habitação fixa; 2) tribos ou etnias que não se fixam em lugares durante muito tempo; 3) sujeito que vagueia ou vagabundo; 4) povos que, por não pertencerem a determinado lugar, andam vagueando sem fixar residência. Pois bem, se tomarmos o sentido geográfico, podemos pensar que os nômades se referem aos “errantes, sem residência fixa: grupos pastoris, ciganos, tribos indígenas, trabalhadores de circo e parques de diversões, entre outros. Aos nômades, são associados atributos negativos: vagabundos que deixam rastros de destruição e abandono por onde passam” (HILLESHEIM; CRUZ, 2011, p. 82). Entretanto, Schöpke (2012) vai dizer sobre os nômades de Deleuze e Guattari (2012d):

São grupos que vivem à parte das leis e das convenções do Estado? São bandos que vagueiam rotineiramente em busca de melhores condições de existência – sem, no entanto, jamais tomarem para si territórios com fins de organizações e de produção estáveis? Certamente, ninguém poderia negar que essas são algumas das definições possíveis para os nômades; não obstante, Deleuze pretende mostrar que também a máquina de guerra é essencialmente nômade – o que significa dizer que sob um mesmo céu e num mesmo território têm convivido, há milênios, duas forças diametralmente contrárias (SCHÖPKE, 2012, p. 168).

Poderíamos, portanto, a partir de Deleuze e Guattari (2012d), dizer que é falso definir os nômades pelo movimento, pois eles criam linhas de fuga no mesmo lugar, fazem conexões com um pensar múltiplo, entoando um devir, uma desterritorialização, uma verdadeira guerra de pensamento escapando da primazia do mesmo. É com a noção de nômade de Deleuze e Guattari (2012d) que nos ocupamos neste texto – os que não se movem geograficamente, não fogem da vida, mas criam vida na impermanência acessada, tendo no movimento a sua potência, a sua capacidade de desterritorialização.

A partir dessa perspectiva, tomamos a infância tal qual as areias do deserto, que dia após dia mudam de lugar, formando novas paisagens, mesmo que se movimentem sem se mover. A infância escapa, escorre entre nossos dedos, avança, recua, cria sulcos e a cada instante se renova, pois “[...] tudo é transitório: mesmo o nosso corpo é algo que se transforma constantemente. Em suma, somos e não somos. Mais precisamente, somos a cada novo instante, diferentes de nós mesmos” (SCHÖPKE, 2012, p. 49).

No intuito de atentar a esses movimentos, procurou-se acompanhar alguns fluxos moleculares da infância que, assim como a força de uma ventania, provocam deslocamentos

inusitados, emaranhados de linhas, ecos em determinados lugares, não nos permitindo descansar em zona de conforto alguma. Nos trajetos dinâmicos das crianças, outros modos de ver o mundo; onde tudo se desalinha, ventos alteram profundidades, linhas disformes em falas saltitantes deflagram encontros iminentes. Junto a Deleuze (1992, p. 137), tentou-se compreender “o pensamento não vem de dentro, mas tampouco espera do mundo exterior a ocasião para acontecer. Ele vem desse Fora, e a ele retorna; o pensamento consiste em enfrentá-lo”.

### **Experiência do dizer e dela derivar**

O que dizem as crianças? O que pensam? Como escapam das territorializações, produzindo linhas mais leves, movimentos mais nômades, devires infantis? Diante de tais questões, buscou-se um arranjo no campo metodológico, distante de um plano cartesiano. O desejo foi compreender o quanto as crianças são capazes de produzir devires, de escapar dos movimentos territorializados que as aprisionam em uma determinada forma infância.

Tal encontro, às voltas com vozes, ruídos, fluxos mutantes, olhos, mãos, linhas, ouvidos, desejos infantis e metamorfoses, encadearam sensações, acionaram sensibilidades e trazem para compor, juntamente com os fluxos, um verbo no infinitivo – *cartografar*. O percurso da pesquisa inspirou-se no método cartográfico, transversal, processual, um exercício de “refinamento da percepção do que um apelo ao saber acumulado ou à memória” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 201), um trajeto marcado por incertezas, mas na sua realização vai se compreendendo o que Deleuze e Parnet (1998, p. 52) vão dizer: que “verbos infinitivos são devires ilimitados”.

Cartografar o que as crianças dizem. Atentar às suas expressões de pensamento como uma tentativa de acompanhá-las em um lugar que ainda não foi capturado, ou pelo menos totalmente capturado, onde a linguagem ainda não tenha entrado na ordem do discurso, aprisionada em palavras de ordem. Nesse sentido, mapearam-se fluxos infantis, elementos heterogêneos que acontecem entre um movimento e outro, entre singularidades engendradas por um processo cartográfico. Tal procedimento implicou o exercício de pensar com o que acontece, pois “o trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio, mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem” (DELEUZE, 1997, p. 73).

Nesse momento, pesquisar foi uma possibilidade de recolher sentimentos, pensamentos e palavras, inventar outras formas de vida, escrever próximo a devires infantis, mesmo que forçando um novo pensamento acerca da infância, pois é sempre difícil perceber que “toda criança molar tem que devir uma criança molecular” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 100).

Frente a tal perspectiva e por acreditarmos que o recreio infantil em uma escola de Educação Infantil poderia ser considerado um espaço-tempo mais livre, mais aberto, menos capturado, surgiu a necessidade de encontrar as crianças nesse intervalo. Supõe-se que nesse espaço-tempo os fluxos infantis sejam mais passíveis de encontrar eco, a partir dos quais possam ressoar. Esse intervalo também pode ser pensado como um espaço entre as atividades, entre o antes e o depois, entre o início e o fim. No caso da Educação infantil, esse “entre” pareceu-nos manter-se mais vazio de regulações e mais estendido; ainda que esteja sob o controle e intervenção de um adulto, é um espaço-tempo em que o desejo pode escapar por entre linhas que se atravessam.

Cartografar o que as crianças dizem nesse espaço-tempo implicou uma sensível escuta, uma atenção fluante, um movimento de abertura aos fluxos nômades. Buscou-se produzir uma interrupção dos movimentos mecânicos, partindo dos movimentos de um cartógrafo que “nada tem a ver com os mundos que se criam (que conteúdos, que valores,

que línguas) – questão moral –, ele tem, e muito, a ver com o quanto a vida que se expõe à sua escuta se permite passagem...” (ROLNIK, 2007, p. 70). Isso resultou em um pequeno grande diário com registros de resquícios da aguçada curiosidade infantil, de composição de fragmentos nada moralistas, nada científicos, de encontros vividos em meio a devires infantis. Tal percurso exigiu um estilo, uma ousadia, uma própria língua, um tom poético para assim nos aproximarmos de fluxos infantis, escapando, de certa forma, de movimentos mecânicos e estratificados. Abaixo, são trazidos alguns desses fragmentos dos devaneios infantis registrados nos diários:

## Hospedagem

*Tô tirando piolho da minha filha. Tinha uma coisa rodeando o cérebro dela. Logo vou passar perfume!*

Esse pequeno animal da infância  
minha mãe caçava até o fim  
piolhos se hospedavam em meu couro cabeludo.  
Ainda guardo na memória.  
O mesmo regressa trazendo a lembrança  
animal que deixa como marca seu território  
garras que agarram fios de cabelos.  
Escapam, se aventuram, nomadizam,  
de uma cabeça a outra cabeça,  
não se deixam domesticar.  
A criança em sua catação manual  
também se aventura.  
O piolho traz um território para o encontro  
atualiza o momento presente,  
desalojando para um outro lugar.  
O catar piolho retrata um silêncio  
destaca uma atmosfera.

## Manga

*Hoje vou comer minha manga... Oba, tem caroço de manga!*  
Desejo, cheiro, barulho, vibração... Difícil fotografar!  
Um olho nariz ouvido tato... um não, vários, apurados.  
Experimentar é mais importante que ver.  
Deixei-me apenas ser conduzida por uma possibilidade de devir.  
Uma entre tantas. Corpos que se envolvem num devir-manga.  
A manga bota sentido na menina.  
Apanha o caroço com cuidado e o caroço passa de boca em boca.  
Uma manhã aromatizada pelo cheiro da manga  
Um cheiro doce que se alastra, ocupando esse espaço-tempo,  
contaminando, iluminando, amarelo do sol.  
Quando criança minha mãe me ensinou a gostar de manga  
encharcada pelo seu perfume. Aprendi a gostar.  
Mangas me mostram que a infância sempre volta.  
Um eco de uma intensidade, combinações que parecem ser infinitas.  
Algo da vida se passa em mim. Vozes que nunca mais me largam.

## Pensamentos finais

Enfim, forças nômades pedem outros modos de pensar, arrastam intensidades moventes, ressoam em verbos no infinitivo: murmurar, desejar, alçar, escrever, devir, ventar, aprender, ressoar, sentir, estar.

Durante o percurso cartográfico, desejava-se captar fluxos, mas onde estariam tais fluxos? Percorrer outros recreios infantis? Como trazer fluxos se não os percorrer? Onde estariam tais palavras inusitadas, sonoridades enigmáticas, vozes para serem convertidas em escrita? As palavras de Deleuze e Guattari (2012d, p. 171) ajudaram-nos a pensar: “atmosfera rarefeita”. Sim, os disparates ali se encontram, se potencializam, à medida que nos tornamos sensíveis a eles.

Diante das experiências vividas, das linhas transversalizadas e arrastadas, percebe-se que o que existe é somente o agora e o quão necessário é entregar-se a esse instante. Assim, contagiada por essas vias cartográficas, tentou-se criar narrativas, transitar entre fragmentos poéticos, ficar atenta às sequências verbais das crianças: quando caladas ou quando demoravam a responder o que o colega perguntava, na rapidez de suas respostas ou como reagiam com os silêncios. E isso rendia muito: escutá-las a partir de um olhar suficientemente vivo, deixando de lado a *overdose* de teorias que imprimem que a criança “é assim”, bloqueando forças nômades que estão ali e desejam ser efetuadas. Percebemos que, ao sair do lugar confortável em que nos colocamos, de certa forma, conseguimos escutar, acessar outras formas de pensamento.

Em nenhum momento, pretendeu-se dar respostas às questões iniciais, mas compartilhar sensações vividas junto a um processo de criação, ao lado de uma criança que não se soma somente a uma entonação catalogada, um saber dominante, uma faixa etária como sendo apenas um possível e talvez o mais duro encapsulado, mas das forças que perpassaram esse período de aproximação.

Cartografar expressões infantis de pensamento exigiu uma produção de conhecimento vivo, instigou um olhar mais acolhedor e observador sobre nosso entorno. Um jeito de respirar mais vida, um modo mais ético de pensar e de relacionar-se com a infância, frente ao risco constante de captarmos fluxos assemelhados à vida, induzindo-nos a uma realidade patológica de correções e vícios. Esse foi o movimento deste procedimento de escrita – percorrer uma microfenda, uma vidência onde se vê e se ouve um movimento da vida em meio a risos, murmúrios, paisagens, o próprio pensamento. A partir de então, novas geografias tornam-se possíveis.

## Notas

<sup>4</sup>Esta dissertação de Mestrado foi realizada junto ao grupo de pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/Univates/CNPq), o qual a mestranda integrou como bolsista Prosup/Capes.

<sup>5</sup>“O território é o produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos. Dá na mesma perguntar quando é que os meios e os ritmos territorializam-se, ou qual é a diferença entre um animal sem território e um animal de território. Um território lança mão de todos os meios, pega um pedaço deles, agarra-os (embora permaneça frágil frente a intrusões). Ele é construído com aspectos ou porções de meios. Ele comporta em si mesmo um meio exterior, um meio interior, um intermediário, um anexado. [...] Ele é essencialmente marcado por ‘índices’, e esses índices são pegos de componentes de todos os meios: materiais, produtos orgânicos, estados de membrana ou de pele, fontes de energia, condensados percepção-ação” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 127).

<sup>6</sup>Significados retirados a partir de uma busca nos dicionários Michaelis (2009) e Aurélio (2010).

<sup>7</sup>Deleuze e Guattari (2012b) falam de três espécies de linhas: as linhas de segmentaridade dura ou molar, as linhas de segmentação maleável ou molecular e as linhas de fuga – três linhas que não param de misturar-se. “Linha que não mais admite qualquer segmento, e que é, antes, como que a explosão das duas séries segmentares. Ela atravessou o muro, saiu dos buracos negros. Alcançou uma espécie de desterritorialização

absoluta" (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 76).

<sup>8</sup>Os trechos em itálico-negrito referem-se aos dizeres das crianças; os que não estão em itálico, ao diário da pesquisadora.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O que é contemporâneo?/In**: O que é Contemporâneo e outros ensaios. Chapecó: Editora Argos, 2009.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CORAZZA, Sandra Mara. **História da infância sem fim**. Ijuí: Editora Unijuí, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Infância e educação**: era uma vez... quer que conte outra vez?. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. Sandra Mara. **Uma vida de professora**. Ijuí: Unijuí, 2005.
- CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, T. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- COUTO, Mia. **Pensatempos**. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34, v. 1, 2012a.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34, v.2, 2012b.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34, v. 3, 2012c.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34, v. 4, 2012d.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronuncia da em 2 de dezembro de 1970. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- HILLESHEIM, Betina, CRUZ, Lilian R. "Não sei estudar parada": inclusão escolar e nomadismo. **Revista Polis e Psique**, [S.l.], v. 1. n. 1, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Assim falou Zarathustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Sobre a formação do cartógrafo e o problema das políticas cognitivas. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.
- POSTMAN, Neil; CARVALHO, Suzana Menescal de A.; MELO, José Laurenio de. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- SCHÖPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença*: Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- ZOURABICHVILI, F. (2000). Deleuze e o Possível: sobre o involuntarismo na política. In: E. Alliez (Org). *Deleuze: uma vida filosófica*. (pp. 491-333). São Paulo: Editora 34.

Recebido em: 14/12/2016

Aprovado em: 13/11/2017